

Wikka MT.info : LabsurLab

[AdminUsers](#) [AdminPages](#) [Categories](#) [PageIndex](#) [RecentChanges](#) [RecentlyCommented](#) [Change settings/Logout](#) You are [TatiWells+](#) Search: _____

Tecnoxamanismo Digitofágico – Pós **LabsurLab**: que venga el Sur!

para a Revista Global / Remix de textos de Tati Wells, Ricardo Brasileiro e Bruno Tarin / maio de 2011, de algum lugar dentro da selva.



“A magia e a vida. Tínhamos a relação e a distribuição dos bens físicos, dos bens morais, dos bens dignários. E sabíamos transpor o mistério e a morte com o auxílio de algumas formas gramaticais. (...) A alegria é a prova dos nove.” Manifesto Antropófago, Oswald de Andrade, maio de 1928.

No Brasil vivemos sob a égide do trágico/honrado Bispo Sardinha, que ao ser comido pelos índios Caetés conjura a teoria da Antropofagia nos anos 20, transformada na nossa década em Digitofagia, ao tomar o lugar dos conceitos sobre as capturas das forças de poder. Compramos computadores em 12x sem juros, provemos net.gatos, somos difusores de conteúdo cultural nas ruas e ocupamos redes sociais com nosso português abrigado, nossos exóticos ufanismos. Fruto de uma heterogeneidade cultural singular, capaz de se apropriar das mais diversas e variadas formas, subvertendo normas, saberes e códigos de conduta através da incorporação do outro no eu, utilizamos da malandragem e muitas vezes da sacanagem (poética) como formas de se auto-determinar e agir politicamente, através do que vêm “além mar”.

Filhos de uma colonização muito bem implementada à base do estupro, miscigenação e genocídio, acostumados aos desfalques e aos desmandos, presenciamos nos dias de hoje um pequeno levante sendo construído, nadando contra a passividade de anos de repressão e total desagregação social imposta pelos estados transnacionais disciplinares, o que nos faz hoje voltarmos à tomar as ruas, as câmeras, os meios, surge a possibilidade, enfim, de uma resistência pacífica. Contudo ainda escutamos o clássico “Rouba mas faz”, vemos projetos de desenvolvimento predatório como Belo Monte: resquício do poder soberano ainda presente (o Brasil foi o único Império moderno na América latina, o último país a abolir a escravidão e uma das ditaduras mais violentas na América do Sul), repressões exageradas à manifestações pacíficas, ou os inúmeros desalojos para abrigar estádios e museus para mega-eventos - que pouco ou nada se conectam ao fluxo econômico e social das populações urbanas, etc -. Nas ruas de São Paulo do ano de 2011 ouvem-se os mesmos gritos de protesto de 30 anos atrás: “Ditadura não, abaixo a repressão!”

Aos poucos percebemos que não somos mais um país do futuro (idéia que há tanto tempo nos apegamos), mas que o futuro tornou-se um grande Brasil [1]: precário, recombinante, em crise sistêmica. Nesse cenário a Digitofagia é uma forma de pensarmos a questão do acesso, praticarmos a apropriação tecnológica. Uma alternativa para provocar uma política que ao invés de propor somente o controle tecnológico ou a toma do poder ou ainda as incorporações mercadológicas das bio-técnicas, propõe a auto-determinação política dos indivíduos e comunidades, uma política da potência, do amor e da criação. A visão digitofágica privilegia a relação, o que nas palavras de Viveiros de Castro poderíamos dizer: a troca de troca de pontos de vista ou seja, cria novas subjetividades e admite novos sujeitos possíveis. Nesse contexto global embaralhado no especificamente brasileiro, nos parece particularmente interessante pensarmos x sujeitos e as comunidades digitofágicas que emergem de uma série de encontros e relações de pessoas interessadas em pensar e propor ações políticas de acordo com as mudanças que vêm ocorrendo no mundo.

Labsurlab, encontro latino-americano de laboratórios de mídia que foi realizado em Medellín, Colômbia, de 4 a 12 de abril de 2011. Uma tentativa de acercarmo-nos de nosssxs vizinhxs. Nascido de uma pequena insurgência de um encontro de laboratórios majoritariamente europeu (LabtoLab+), LabSurLab possibilitou o reconhecimento de redes de cooperação globais e a contextualização de cenários semelhantes entre práticas de países como Chile, Brasil, Argentina e Colômbia.

O LabsurLab assim se coloca como um espaço para redes de iniciativas independentes, oficiais, marginais e institucionais que abrange: hacklabs, hackerspaces, medialabs e todo tipo de laboratórios e coletivos biopolíticos operando do e para os territórios do Sul [da América] [2], buscando desde a experimentação e criação conseguir seus próprios espaços de ação e representação, um encontro que visou colocar um sobre o outro para acionar assim os vetores e possíveis estratégias culturais da sociedade em rede. Um espaço de compartilhamento de experiências, de troca de troca de pontos de vista.

Para nós brasileirxs ali presentes, reunidos sob uma mesa chamada O Complexo Panorama Brasileiro, foi uma chance de retomar reflexões que há muito tempo iniciamos e que se desdobraram em inúmeras práticas, projetos independentes, ações coletivas, políticas públicas visionárias, encontros nômades hipermultidisciplinários (em fluxos como choques elétricos, casas coletivas, rádios livres, cotidianos sensíveis, gênero e tecnologia, dispositivos alucinógenos e ações diretas). Ali iniciamos assim uma releitura das e nas nossas táticas, pensando as articulações com a latino América que tem tanta gente bacana e que acabamos desconsiderando por costumes históricos. Essa cremos ser uma potência ainda a ser explorada e um dos possíveis desdobramentos que um festival feito LabSurLab pode produzir.

Para a mesa achamos que apenas um contexto cronológico já iria mostrar toda a complexidade das nossas atividades no Brasil. E começamos esse exercício de voltar para a época entre 90 e começo de 2000, simbolizando as convergências dos movimentos Indymedia / FSM / FISL / Metáfora / Laboratórios de Mídia Tática. Um mapa que parece ter caído como um satélite nas nossas cabeças. Fazer uma pequena análise deste mapa, nos faz pensar em como nossos experimentos e pesquisas com tecnologias livres, nomadismo e comunidades, foi influenciado pela aquela história e também em como nosso movimento atualmente pode ser analisado pelo mesmo traço de 2003-2006. Mas ao final o que foi apresentado na mesa foi um panorama 2007-2011 - Seguimos a preparação da apresentação com as convergências de ações de ativismo-tecnológico-midiático e, por fim, fizemos uma breve análise de como nossos laboratórios (festivais, movimentos, pessoas, coletivos), de como são autônomos, temporários, precários e com relações institucionais conturbadas, como é o caso atual da mudança de foco do Ministério da Cultura para uma política pró-indústria cultural, pró-elite-cultural e anti-cultura-livre. Paralelo a esse trabalho, participamos também da mesa sobre Labs em Redes, expondo nossas feridas da cooptação governamental sobre nossas atividades e como isso nos desestabilizou e fez com que pessoas saíssem para outros nós da rede para sobreviver em meio ao caos que é viver de arte, filosofia, ativismo e tecnologia livre e não aplicadas ao mercado no Brasil. Ao mesmo tempo, esse acesso ao governo fez com que surgissem diversos laboratórios de mídia pelos Pontos de Cultura no Brasil, fato de grande importância, fortalecendo ainda mais nosso nomadismo e independência de estruturas físicas complexas.

Nas palavras de Brasileiro: “Ter ido até a Colômbia, me fez ter uma nova visão das nossas estratégias de sobrevivência no Brasil, como somos rápidos, como somos criativos e como somos fechados para outros lugares, não olhamos para nossos vizinhos da América Latina que vivem na mesma rede e compartilham de problemas parecidos, sentem vontade de interagir mais com as redes daqui mas não enxergam essa abertura.”

Assim propomos algumas reflexões sobre pontos de convergência e dissenso entre práticas dessas redes, uma proposta de superposição de conceitos. Buscamos através do relato de algumas coisas que rolaram em Medellín e da visualização de alguns processos em curso criar um panorama como forma de possibilitar novas ações de convergência. Basicamente, como dar continuidade à efervescência que transbordou em Medellín.

Algumas coisas que rolaram no evento

O movimento dos Hacktivistas falando sobre suas estratégias de ativismo na Europa. Eles falaram sobre a Hackademy, que é “uma academia hacktivistas autogestionada que promovem cursos para liberação do computador dos softwares proprietários, com orientações para uso e difusão de ferramentas livres úteis para autodefesa digital, ativismo e comunicação libertária para produção de cultura livre”. Não muito diferente do que fazemos no Brasil com os Pontos de Cultura, organizações, festivais, pessoas, artistas.

Outra estratégia dos hacktivistas foi em cima de algumas políticas anti-pirataria e anti-cultura-livre do Ministério da Cultura da Espanha, com estratégias como Descarga Pública P2p, desmembramento político através do ativista Isaac Hacksimov, avatar-hacker que enviava fax/correios /emails para o Ministério colocando em contradição todas as políticas pró-indústria espanhola. Em outro momento, os hacktivistas falaram do

sistema oiga.me que é um projeto de envio sistemático de emails para políticos e diplomatas.

Aconteceram também inúmeras oficinas, como a Trabalho em Comunidades, Video Cartografia, Mal de Arquivo e Open Solar circuits, mesas redondas, mesas de trabalho, apresentação de projetos, performances, apresentação de hacklabs e ações hacktivistas globais – como as encenadas contra as leis de propriedade intelectual lleras, acta, sinde. Resumindo, foram realizadas atividades de artes vivas, políticas públicas, noise, bioarte com microscópios, impressoras 3D, protoboards, interfaces, circuitos solares, transmissões etc.

Processos em curso e possíveis ações futuras

Acreditamos que para que as redes brasileiras possam convergir mais com loxs hermanxs é necessário criar mais metodologias de reflexão, análise de projetos, escritos coletivos, prescindindo até dos projetos em si para buscar novas formas que poderiam nos ajudar a entender melhor as linhas de fuga que temos. Sabemos que no Brasil criamos projetos em qualquer circunstância (.gov, independente, anti.projetos) algo positivo porém perigoso se pouco refletimos sobre as ações muitas vezes sendo realizadas através da política do “Vamô-que-Vamô” que podem e muitas vezes são cooptadas pelos poderes constituídos. Por isso propomos realizar um mapa de alguns processos em curso (principalmente no Rio de Janeiro e na rede do [LabsurLab](#)) e de possíveis ações futuras.

Para o [LabsurLab](#) foi criada uma lista de discussão pós festival que creio formalizará o estreitamento de idéias entre os participantes. Atualmente poucas pessoas participam do IRC #labsurlab no Freenode e o n-1 é um sistema muito complexo que precisa ser pensado com carinho e de forma mais colaborativa. Depois do encontro foi aberto Anillo Sur dedicado a projetos desde el Sur[3]. No Brasil temos uma experiência acumulada de projetos de servidores livres que só tem a colaborar (com pontos positivos e negativos) com esta rede em formação.

Uma possibilidade que vêm sendo vislumbrada é pensar num calendário comum de ações que integrasse as redes brasileiras e colombianas, podendo ser estendida à outros países da América latina, idéia que tem sido levada adiante por Pata de Perro. No Rio está sendo matutada a idéia de um pré(ou pós:) labsurlab carioca (assim como no Chile), em conversa com uma ação regional que trata da Geopolítica de Acesso Amazônica - Hacklab [Belém][4]. Também atualmente no Rio está sendo organizada uma rede que visa realizar tanto projetos relacionados à ativismo para movimentos sociais em ferramentas livres, redes sociais alternativas e rádio como ação direta, grupos de pesquisa como o GAS (grupo de atualização e subjetivação), Yupana, MSST e espaços físicos de experimentação como o IP - onde acontecerá agora em Junho o Sudamérica Experimental [5]. No Brasil temos um mapeio nacional importante de iniciativas relacionadas à permacultura e ao conceito de metareciclagem, muitas vezes fundindo-se. Pensar nestes dois eixos conceituais pode parecer contraditório, máquinas e orgânico, mas ao contemplar a permacultura como um resgate de técnicas energéticas ancestrais e a metareciclagem como a apropriação tecnológica das ferramentas contemporâneas para re-mitificá-las temos aí conceitos convergentes que vão se construindo: mídia tática, descolonização, tecnoxamanismo, novas relações do ser humanx e a máquina que visam a colaboração entre corpos que já não são separados por sujeitxs e objetos.

Assim, diante desse panorama podemos afirmar que nossa vontade não é realizar mais festivais, residências etc, estamos buscando afetividade, buscando uma reflexão sobre o outro, sobre nós. Nos parece que é preciso buscar a reflexão do outro para assim experimentarmo-nos outros, pois “eu” e “outro” são posições instáveis e intercambiadas, sentimos a necessidade de passarmos para uma ontologia prática, heterogênea e diferencial a qual o conhecer não seria mais representar o desconhecido, mas interagir com ele. Por ora chamamos isso de Tecnoxamanismo Digitofágico.

Como colocar isso em movimento? Que venga el sur del sur!

[1] <http://efeefe.no-ip.org>

[2] O conceito de Sul ainda está formulando suas próprias perguntas, mas estende-se basicamente a todo o precariado, não sendo uma localização puramente geográfica.

[3] <http://anillosur.cc>

[4] <http://hacklab.art.br>

[5] <http://www.sudamericaexperimental.com>

Pós-pós-labsurlab

Cultura rxw <http://culturarwx.net/>

No Brasil vivemos sob a égide do trágico / honrado Bispo Sardinha, comido pelos indígenas Caetés e conjurada a teoria da antropofagia, assim como recentemente a digitofagia toma o lugar dos conceitos sobre as apropriações das forças de poder. Compramos computadores em 12x sem juros, provemos net.gatos, somos difusores de conteúdo cultural nas ruas e ocupamos redes sociais com nosso português abasileirado, nossos exóticos ufanismos. Como colocou um teórico da cibercultura brasileira, aos poucos percebemos que não somos mais um país do futuro (idéia que há tanto tempo nos apegamos), mas que o futuro tomou-se um grande Brasil: precário, recombinate, em crise sistêmica. A digitofagia torna-se então uma das únicas formas possíveis de pensarmos a questão do acesso, da apropriação tecnológica. Usamos dos meios disponíveis para transformá-los, adaptá-los às nossas necessidades e realidades. Além disso, falamos uma língua única neste continente, o que parece sempre nos afastar um pouco das questões continentais, forçados a aprender o inglês pelas novas e velhas ferramentas (TV e net). Problemas gigantescos a resolver, soluções dificilmente replicáveis.

(Talvez por isso nos falte a força de tomarmos as ruas, tal a desagregação social instaurada, uma colonização muito bem implementada pela colonização à base do estupro e miscigenação, acostumados os desfalques, os desmandos. “Rouba mas faz”. Resquícios do poder disciplinar ainda presentes como a repressão exagerada à manifestações pacíficas, inúmeros desalojos para abrigar estádios de futebol. Nas ruas de São Paulo do ano de 2011 ouvem-se os mesmos gritos de protesto de 30 anos atrás: “Ditadura não, abaixo a repressão!”)

Labsurlab, encontro latino-americano de laboratórios de mídia, foi uma tentativa de nos acercarmos de nossos vizinhos. Nascido de uma pequena insurgência de um encontro de laboratórios majoritariamente europeu (LabtoLab+), LSL possibilitou o reconhecimento de redes de cooperação globais, e a contextualização de cenários semelhantes entre práticas de países como Chile, Brasil, Argentina e Colômbia.

Para nós brasileiros ali presentes, reunidos sob uma mesa chamada O Complexo Panorama Brasileiro, foi uma chance de retomar reflexões que há muito tempo iniciamos e que se desdobraram em inúmeras práticas, projetos independentes, ações coletivas, políticas públicas visionárias, encontros nômades hipermultidisciplinários (em fluxos como choques elétricos, casas coletivas, rádios livres, cotidianos sensíveis, gênero e tecnologia, dispositivos alucinógenos e ações diretas). Ali iniciamos assim uma releitura nas nossas táticas, as articulações com a América Latina que tem tanta gente bacana e que acabamos desconsiderando por costumes históricos. Esse creio que é um dos possíveis desdobramentos que um festival feito Labsurlab pode trazer.

O que se segue abaixo são algumas reflexões sobre pontos de convergência e dissenso entre essas práticas, uma proposta de superposição de conceitos. O intuito é visualizar um panorama dos processos em curso assim como possibilitar novas ações de convergência. Basicamente, como dar continuidade à efervescência que transbordou em Medellín, essa que culminou para nós em mais uma tentativa de cristalização das táticas de apropriação tecnológicas brasileiras?

O primeiro ponto que abordo é o de língua, biopoder instaurado há mais de 500 anos e que redesenhou a nossa forma de interagir com nossas culturas originárias. Talvez pela língua e processo de colonização, na Colômbia se dá uma aproximação estreita com Europa, principalmente Espanha, e consequentemente o usufruto de toda uma infraestrutura física para a manutenção de seus sítios, listas de correio etc (como n-1), assim como a colaboração em projetos de arte e mídia. A mesa Artes Vivas parece ser um traço desta colaboração direta com a Europa já que a arte como categoria específica na tecnopolítica brasileira só vem a aparecer como tática política, quase nunca como uma estética, revelando-se bem próxima em processos artísticos mais experimentais como noise e circuit bending, expressão de uma entidade tecnocrática desde afora (máquinas e circuitos). Exceções na mídia arte brasileira existem, como Eduardo Kac e seus coelhos verdes, mas que só reforçam o distanciamento por serem mais reconhecidos no exterior do que em seu próprio país. MSST e Cotidiano Sensível presentes no encontro, são de fato os trabalhos mais fronteiriços, mas que no entanto partem de uma concepção tecnológica autonomista e de intervenção social, mais do que necessariamente uma investigação estética. (Será meu conceito de arte ultrapassado? :)

Como no caso brasileiro, movimentos culturais politizados como o Hip Hop parecem ter uma convergência maior com as tecnologias apropriadas. Foi na sede do Movimento Hip Hop brasileiro no ano de 2005 em Teresina, cidade do nordeste brasileiro, que aconteceu a primeira Oficina de Conhecimentos Livres, uma colaboração entre grupos independentes, instituições educacionais locais e governo federal. Uma diferença contrastante foi o uso exclusivo de ferramentas livres no Brasil, uma prática desenvolvida de forma autodidata e espontânea, totalmente adotada nas plataformas de governo e ações ativistas locais. Já na Colômbia observamos a pirataria massiva, e assim, não vêm a necessidade do uso de ferramentas livres. Apesar de termos acesso aos programas e sistemas nas ruas como nossos hermanxos, de certa forma neste aspecto nos aproximamos mais dos europeus do que latinos. Não vi no Flisol que ocorria na cidade de Medellín – encontro global de software livre - nenhum tipo de convergência

com produção cultural ou movimentos sociais, e até mesmo com o próprio LSL apesar dos encontros acontecerem praticamente na mesma data. No entanto, ações solidárias aconteceram, como a coleta de depoimentos e mobilização sobre a Ley Lleras (lei que regulamenta a infração da propriedade intelectual na Internet) recentemente instaurada, que parece ter aproximado os desenvolvedores de software livre colombianos dos produtores culturais, majoritariamente presentes (os segundos) no LSL. Isso é mais evidente ainda quando relacionamos com a quantidade de iniciativas tech locais - dorkbot, medialab-bogotá, e outros encontros de arte e tecnologia que presenciamos - Fractal em Medellín e Intro-Lab em Bogotá, ou ainda Tecno-Parque, todos sem discussão sobre o uso de ferramentas livres.

Apesar de oficinas terem sido realizadas nas periferias da cidade, não houve nenhum tipo de intervenção no centro da cidade. A deriva de gringos em Moravia e Comuna 13 pode ter parecido turismo social? Como trazemos ao “centro” a cultura de rua e de raiz que presenciamos na periferia? A instalação de uma rádio ou a idéia que acabei podando de Brasileiro, teria sido muito sagaz nesse contexto: abrir o mapa brasileiro que apresentamos, acender um baseado e ficar por todo o período da palestra contemplando-o. Creio que suscitaria importantes reações.

Senti falta em Medellín como sinto em muitos encontros submidiáticos brasileiros, de um aprofundamento conceitual sobre o que fazemos. Isso creio que ajudaria a entender porque usamos as ferramentas que usamos. Formatos mais soltos e emergentes aconteceram durante o dorkbot e a mesa de Mulheres e Tecnologia. Essa reflexão seria importante num processo de difusão de nossas práticas que pode também ser entendida, por outro lado, como uma forma de apropriação imaterial disso que ainda é quase mágico em nós, a espontaneidade e a experimentação. Alguns conceitos que pesquei por lá foram o Trueque - assemelhando-se com o nosso Truquenologia. Termos mais adequados do que o inglês *bending*.

Criar metodologias de reflexão, análise de projetos, escritos coletivos, prescindindo dos projetos em si, poderiam nos ajudar a entender melhor as linhas de fuga que temos. Sabemos que no Brasil criamos projetos em qualquer circunstância (.gov, independente, anti.projetos) mas pouco refletimos sobre as ações realizadas. Há um certo pré-conceito sobre falar de falhas e erros entre os coletivos brasileiros, privilegia-se a cultura do vamos-que-vamos. Além disso, listas de discussão não são as ferramentas mais adequadas para fazê-lo. Talvez o mapeamento dos projetos como começamos a fazer em Medellín seja uma forma de falar deles sem nos expor tanto de forma individual.

Ações

Foi criada uma lista de discussão pós festival que creio formalizará o estreitamento de idéias entre os participantes. Poucas pessoas participam do IRC #labsurlab no Freenode e o n-1 é um sistema muito complexo que precisa ser pensado com carinho e de forma mais colaborativa. Depois do encontro foi aberto um n-1 dedicado a projetos desde el Sur <https://anillosur.cc/> No Brasil temos uma experiência acumulada de projetos de servidores livres que só tem a colaborar (com pontos positivos e negativos) com esta rede em formação.

Seria interessante pensar num calendário comum de ações que integrasse as redes brasileiras e colombianas, podendo ser estendida à outros países da América latina, idéia que tem sido levada adiante por Pata de Perro. No Brasil estamos matutando a idéia de um pré(ou pós:) labsurlab no Rio de Janeiro em conversa com uma ação regional que trata da Geopolítica de Acesso Amazônica - Hacklab [Belém][1] para onde virão ativistas e artistas Colombianos. No Rio de Janeiro queremos realizar tanto projetos relacionados à ativismo para movimentos sociais em ferramentas livres, redes sociais alternativas e rádio como ação direta, quanto inserirmos nossas pesquisas locais como GAS (grupo de atualização da subjetividade), Yupana, MSST e espaços de experimentação e residência como ipê.

Temos um mapeio nacional importante de iniciativas relacionadas à permacultura e ao conceito de metareciclagem, muitas vezes fundindo-se. A permacultura como um resgate de técnicas energéticas ancestrais e a metareciclagem como a apropriação tecnológica das ferramentas contemporâneas para re-mitificá-las. Conceitos como tecnoxamanismo, descolonização e mídia tática vira e mexe re-surgem em nossas conversas. Ocorrerá numa data muito próxima o Sudamérica Experimental no Rio de Janeiro (junho de 2011) http://www.sudamericaexperimental.com/?page_id=2 queremos fazer um bom bolado de tudo!

Como colocar isso em movimento? Que vienga el sur del sur!

T., 25 de maio de 2011, rio de janeiro, brasil

[1] <http://hacklab.art.br>

labsurlab para o blog baobá voador

<https://n-1.cc/pg/groups/22816/labsurlab/>



Encontro de experiências em labs, práticas, metodologias e ativismo midiático em Medellín, Colômbia. Segundo wikipedia, Medellín já foi considerada a cidade mais violenta do mundo, resultado dos conflitos com o narcotráfico nos anos 80. Por sua localização geográfica a cidade é porto de entrada de armas e saída de drogas, e portanto, de interesse geopolítico para grupos que negociam ambos os produtos. Os conflitos entranhados na cultura da cidade resultaram em formas distintas de superação como o movimento hip hop da Comuna treze ou o espaço cultural Moravia.

O convite foi feito através de Alejo Duque, depois de um contato em uma navegada casual pela plataforma N-1 (à procura de um espaço para abrigar a nova plataforma colaborativa g2g, link de Fabianne Balvedi). O interesse foi instantâneo, tanto por ser uma experiência que há anos fazemos, tanto por aprofundar os laços com a América Latina. Aqui re-encontrei Ricardo Brasileiro e depois de tantos anos trabalhando em rede em projetos distintos e vivendo consideravelmente perto, nos vimos com a difícil missão de retratar o que foi colocado como O complexo Panorama Brasileiro "Não é o completo não né?", abre Brasileiro a mesa. Juntou-se a nós Miguel Castro.

La chinga: contar em meia hora um panorama brasileiro de dez anos de ativismo, investigando processos, entendendo contextos. A imagem que nos ajudou nesse processo foi um mapeio prévio feito no ano de 2006 das redes em torno do ativismo, arte e cultura digital que recém-surgia <http://publicacoes.midiatatica.info/cartografia.zip> não-coincidentemente inspirada pela atual exposição do museu de arte moderna de medellin Cartografias Críticas.



Traçamos um trajeto por entre trabalhos como Metareciclagem, Encontros de Conhecimentos Livres, mimoSas, Pontos de Cultura, Submidialogias, e fizemos algumas reflexões, como por exemplo, nossos labs são temporários, itinerantes, precários. Ainda não temos uma infraestrutura técnica estável, ou coletivos de gestão tech atuantes, sites são perdidos ou dá-se menos valor, como o Estúdio Livre, importantíssimo repositório de tutoriais, ferramentas, trabalhos, desenvolvido cada vez menos colaborativamente, assim como a rede de servidores livres, recém-desfeita. Fizemos uma charla portunhola sobre as dificuldades, uma grande reflexão coletiva. De forma divertida, performática, imagética. Ainda não temos o mínimo para nossas subsistências, diz o artista brasileiro. A observação astuta de uma companheira professora de artes gráficas livres argentina Lila - "Há um retrocesso, achava que eram muitos..." (Submidialogia com logo da petrobrás, retrocesso nas políticas públicas culturais). No entanto, na apresentação do MSST parecia que lá estava tudo de volta, a poética e a política. Uma apresentação espontânea que arrebatou o coração de muitas pessoas. Encantavam-se com a digitofagia. Plasticamente três terminais abertos, a voz de um homem e uma mulher, um manifesto e um computador sonoro. Imageticamente: todo um universo a descobrir.

Em inúmeras oficinas, mesas redondas, mesas de trabalho, apresentação de projetos, performances, conhecemos hacklabs e ações hacktivistas globais - como as encenadas contra as leis de propriedade intelectual Lleras, acta, sinde. <http://hacktivistas.net/> (Isaac Hacksimov sobre la Ley Lleras -> http://www.youtube.com/watch?v=z4Vr6qaEVk&feature=player_embedded / Elkin Botero sobre Ley Lleras -> <http://www.youtube.com/watch?v=ChkSr5FTL20>). Vimos prá variar, o trabalho em comunidades paralelo ao institucional e uma grande empresa se apropriar do encerramento do evento com a Convocatória Vida. Das oficinas que participei - Trabalho em Comunidades, Video Cartografia e Mal de Arquivo destaco no segundo uma super produção em grupo, de equipe de filmagem, sites, produção de imagens e derivas, organizada pelo coletivo colombiano Antena Mutante, <http://www.antenamutante.net/> Pablo de Soto de Hacketeria <http://hackitectura.net/blog/> e muitos coletivos locais, nas periferias da comuna treze - lugar com um número incrível de mortes relacionadas ao narcotráfico, comuna quatro (moravia), a movimentação estudantil que agitava o centro da cidade de medellin e outros pontos com distintos conflitos sociais. O sitio criado durante a oficina pode ser acessado aqui -> <http://meipi.org/medellin> Das oficinas que não participei a que mais me impressionou muito foi a apresentação do trabalho de Carmem, mexicana do Open Solar circuits <http://opensolarcircuits.cc/> que disse a mim que começou a trabalhar placas e transistores ao ver no trabalho brasileiro mimoSa mulheres de biquíne montando uma máquina (mimoSa pipa). Artes vivas, políticas públicas, noise, bioarte com microscópios (bactérias VJ), impressoras 3D, protoboards lúdicas, interfaces abertas, *essays*, circuitos solares, transmissões web via PD, foram algumas de inúmeras e insuspeitáveis práticas.

A mesa Mulheres e Tecnologia também teve uma reviravolta interessante. Programada como Gênero e Tecnologia foi bombardeada pelos locais até trocar de nome. Anira me explicou um pouco do contexto feminista colombiano, de assassinatos, resistências e desmobilizações. Tanto que na primeira conversa sobre ela entre An, Lila, Ana e eu ainda não havia presente uma colombiana. No segundo encontro Elena e Eliana apareceram sugerindo a dinâmica que usamos para a mesa, e que creio funcionou muito bem. Uma técnica chamada speeddating para que todxs falássemos de

nossas relações pessoais com computadores, matemática, racionalismo e matriarcado. Depois de uma conversa coletiva mostramos 5 imagens que escolhemos sobre gênero (o termo que julgamos mais adequado para incluir a todos) e as pessoas falavam sobre sua identificação com ela. Creio que foi a primeira mesa que mudou definitivamente (pois se seguiu assim) o formato palco do evento, e quando mais pessoas diferentes falaram sobre o tema, chegando a muitos pontos de inflexão conjunta: a necessidade de valorização do trabalho e subjetividade feminina, o racionalismo tecnicista de nossa sociedade atual e as falhas de nosso modelo educativo.

Paralelo ao encontro aconteceram flisol (fórum internacional do software livre), fractal (encontro de arte e tecnologia no jardim botânico) e um emocionante encontro com Cristóval Jodorowski. Rebeldia e hacks transformavam-se em ações. Conheci muitas pessoas falando português, mais do que em qualquer outro país que tenha visitado. Nossa história é a mesma, de favelas, narcotráfico, tambores, mães, coletivos, instituições, precariedade, lutas e sonhos. O ativismo aqui é calejero, pirata, político e também são muitos, muito bem articulados. A descoberta da Colômbia não foi nada além ou tão necessário quanto a nossa própria redescoberta. De redes, labs, estruturas e sobretudo, amor, transmissão de energia através de nossos corpos, nossos abraços, nosso sorriso, nossa espontaneidade e a certeza do belo.

No eslabón prendido no último dia de evento, éramos um corpo só. Nem lembrávamos de nossos sonhos de coletividade destruídos, catávamos chatarras para lançá-las ao espaço...

T. treze de abril de dois mil e onze, Bogotá, Colômbia

<http://www.labsurlab.co/> -- documentação <https://n-1.cc/pg/groups/22816/labsurlab/>

outras fotos <http://www.flickr.com/photos/mammedellin/> -- http://fotos.midiatatica.info/gallery/main.php?g2_itemId=1577

EN CONSTRUCCIÓN _ CO_LABORE :)

There are no comments on this page. [Add comment]

Wikka MT.info : DialogosConvergentes

[AdminUsers](#) [AdminPages](#) [Categorias](#) [PageIndex](#) [RecentChanges](#) [RecentlyCommented](#) [Change settings/Logout](#) You are [TatiWells+](#) Search: _____

Diálogos Convergentes desde el Sur

proposta de ação coletiva @ colômbia- belém-santarém-rio de janeiro

PURQUÊ + IP + ANTENA MUTANTE + HACKLAB BELÉM



TRAJETO COLÔMBIA _ maio de 2011 - [LabsurLab](#) _ junho_ [DialogosConvergentes](#) _ BELÉM _ SANTARÉM _ RIO DE JANEIRO
agosto - [GeopoliticaAmazonica](#)
setembro - [CartografiaCarioca](#)

LabSurLab

Tecnoxamanismo Digitofágico – Pós [LabsurLab](#) : que venga el Sur!

<http://dev.midiatatica.info/wikka/LabsurLab>

http://fotos.midiatatica.info/gallery/main.php?g2_itemId=1577

Esta proposta originou-se de uma forma emergente após a participação de um grupo de brasileiros no evento labSurLab em medellin na Colômbia. O texto acima foi uma reflexão coletiva que inspirou muito da proposta a seguir.



Proposta

Quatro meses de trabalho local e virtual sobre o tema Geopolítica Amazônica e Apropriações Tecnológicas Brasileiras. Colocando em colaboração coletivos como MSST - Movimento dos Sem-Satélite e sua poética-político-espacial, Antena Mutante, coletivo Colombiano que trata do cruzamento das ruas com a Internet, unindo movimentos sociais como o Hip Hop à ferramentas de comunicação como blogs e rádio , IP mídia lab carioca com grupos de estudo sobre subjetividades, rádio e jardinagem, o Coletivo Puraquê de Santarém que experimenta com práticas de sustentabilidade como moedas sociais e produtoras colaborativas, unindo à geografia emergente do trabalho de Pablo de Soto, e projetos de servidores livres latinos como Anillo Sur - juntos elencam pontos-chave a serem trabalhados através de artigos (Revista Não-Lugar), vídeos, imagens, conversas, experiências de percurso etc, propondo a convergência de temas e práticas em três lugares distintos: Belém, Santarém e Rio de Janeiro, criando lugares e possibilidades de interlocução mútua.

Agosto a Setembro de 2011

SANTARÉM/ COLETIVO PURAQUÊ - BELÉM / HACKLAB

Networked Hacklab

<http://hacklab.art.br>

A principal premissa do **Networked Hack Lab** é a execução de projetos colaborativos, sempre em diálogo com as novas tecnologias e a partir de um laboratório apropriado para o desenvolvimento de dispositivos digitais e eletrônicos. Essas produções são pautadas, sobretudo, pelo desenvolvimento de conteúdos (jogos, vídeos, fotos, textos, etc), que implicam na utilização das novas mídias e na interseção entre arte e tecnologia.

A proposta a seguir consiste em quatro meses de trabalho local e virtual sobre o tema Geopolítica Amazônica e Apropriações Tecnológicas. Elencando pontos-chave a serem trabalhados através de artigos (Revista Não-Lugar), vídeos, imagens, conversas, experiências de percurso etc, propomos a convergência de temas e práticas em três lugares distintos: Belém, Santarém e Rio de Janeiro, criando possibilidades de interlocução mútua. A proposta é realizar um projeto colaborativo relacionando uma rede de pesquisadores, artistas, ativistas e organizações ao redor de uma produção criativa que reflita, a partir de uma cartografia, a relação de poder e espaço geográfico em distintas regiões do Brasil. Para formar a rede colaborativa, o projeto experimenta o investimento em iniciativas inter-regionais promovendo um crossover de interesses, conteúdos e ferramentas que privilegiem informação criativa e inventiva sobre os pontos críticos de cada região.

Páginas relacionadas - Amazônia

Cartografias Emergentes - programação/ pública

<http://dev.midiatatica.info/wikka/GeopoliticaAmazonica>

<http://hacklab.art.br>

Cartografias Emergentes - processo

<https://n-1.cc/pg/pages/view/248959/>

Mapa

<http://amazonia.crowdmap.com/>

Netlab@Rio

<https://red.anillosur.cc/pg/pages/view/2892/>

Dando seguimento ao projeto de cartografia e a residência de Pablo de Soto e Antena Mutante vamos abrir o espaço para a interação pública com o trabalho + debate: 14 a 21 de setembro no ip

ipe, pela moradia, antena mutante, msst

a convidar: prof. carlos walter porto gonçalves, prof. viveiros de castro, prof. giuseppe cocco

Páginas relacionadas - Rio de janeiro

Cartografias Emergentes - programação/ pública

<http://dev.midiatatica.info/wikka/CartografiaCarioca>

Cartografias Emergentes - processo

<https://red.anillosur.cc/pg/pages/view/2867/>

Mapa

<http://riodejaneiro.crowdmap.org>

Netlab@Rio

<https://red.anillosur.cc/pg/pages/view/2892/>

Residências

<https://red.anillosur.cc/pg/pages/view/2893/>

There are no comments on this page. [Add comment]

[Edit] [Revert] [Delete] [Clone] [History] 2011-06-23 10:47:27  Owner: TatiWells+ [Edit ACLs]

Valid XHTML 1.0 Transitional :: Valid CSS :: Powered by WikkaWiki 1.2-p1

Wikka MT.info : GeopoliticaAmazonica

[AdminUsers](#) [AdminPages](#) [Categories](#) [PageIndex](#) [RecentChanges](#) [RecentlyCommented](#) [Change settings/Logout](#) You are TatiWells+ Search: _____

IMERSIVAS HACKLAB

Por uma cartografia crítica da Amazônia

A proposta é realizar projeto colaborativo relacionando uma rede de pesquisadores, artistas, ativistas e organizações, ao redor de uma produção criativa que reflita, a partir de uma cartografia, a relação de poder e espaço geográfico na região amazônica – considerando questões como a mobilidade, o acesso e a conectividade em âmbito local x global sempre em diálogo com as novas tecnologias.

Para formar a Networked, o projeto experimenta o investimento em iniciativas inter-regionais promovendo um crossover de interesses, conteúdos e ferramentas que privilegiem informação criativa e inventiva sobre os pontos críticos da região. Com visibilidade para as mais diversas mídias, propõem-se uma espécie de cartografia baseada no mapeamento de assuntos-chave como: a) a Amazônia em âmbito global como a grande fronteira do capital natural (ver tratado de kyoto, expansão da soja, extração Vale, desmatamentos); a mobilidade e transporte na cidade, entre cidades e entre mundo (trafego de mulheres, narcotráfico, fronteiras internacionais); a conectividade e a tecnologia de satélites; entre outros.

O Hacklab é composto por iniciativas que convergem para ações em comum, configuradas nas seguintes etapas: 1. Em Belém, imersivas onde coletivos, artistas e pesquisadores se juntam para discutir métodos, assuntos e ferramentas que reflitam pontos críticos da região; 2. Explicação geral do projeto, como apresentação pública, para assuntos co-relacionados à essas práticas; 3. Intercâmbio/residências, por uma apropriação de tecnologias, entre RJ>BEL<STM a fim de discutir métodos, assuntos e ferramentas que reflitam os pontos críticos para práticas de maceramento; 4. Edição de assuntos-chave e artigos relacionados a arte+política+tecnologias para a edição #5 da Revista Não-Lugar; 5. Composição de uma instalação, com objetivo expositivo, para apresentação de dados significativos da cartografia compartilhada.

networkedhacklab_PA + Diálogos Convergentes desde el Sur + Coletivo Puraqué + IP

proposta de ação coletiva @ colômbia- belém-santarém-rio de janeiro



primeiro teste de mapas:

- * <http://amazonia.crowdmap.com>
- * <http://meipi.org/hacklabamazonia.map.php>

IMERSIVAS BELÉM: o NÃO-LUGAR HACKLAB

A proposta de uma análise ampla sobre a geopolítica do espaço amazônico, serve-nos como base a fim de instigar e provocar um debate amplo voltado para os meios artísticos, culturais e agrupamentos ativistas. Poucos relacionam o impacto da privação tecnológica na região com a evasão de suprimentos da região para o mundo. Uma tecnologia que emerge em megaprojetos que se apropriam e mercantilizam o espaço amazônico.

O objetivo em Belém é aproximar público, produtores, artistas, estudantes, professores, pesquisadores, sobre uma produção criativa e crítica em sincronidade com a arte. São necessidades: promover ações/atividades que a) introduzam ao tema geral e assuntos relacionados ao projeto; b) imersivas entre artistas e coletivos locais para a produção colaborativa de uma cartografia crítica da região; c) seleção de conteúdos, para a produção

da revista Não-Lugar.

Local: IAP - Instituto de Artes do Pará (Belém - PA)

04 a 6/08 de 2011

mediação: Giseli Vasconcelos

combo#1: Pablo de Soto, Felipe Fonseca (metareciclagem) e Tatiana Wells (IP)

rede colaborativa: Nova Cartografia Social da Amazônia; Projeto Amazone (Paulo Tavares); Mapas Participativos (Ricardo Folhes); Rede [aparelho]-; Samuel Sá; Revista Não-Lugar; SDDH (Celi Abdoral); etc

25 a 27/08 de 2011

mediação: Giseli Vasconcelos

combo#2: Antena Mutante, Bruno Viana e Bruno Tarin

rede colaborativa: Nova Cartografia Social da Amazônia; Projeto Amazone (Paulo Tavares); Mapas Participativos (Ricardo Folhes); Rede [aparelho]-; Samuel Sá; Revista Não-Lugar; SDDH (Celi Abdoral); etc

Sobre a Revista Não-Lugar

<http://www.naolugar.com.br>

Na rede (web) desde 2009, a revista eletrônica de arte e cultura contemporânea, tem como Belém seu ponto de partida, o porto onde são colhidas e escolhidas todas as pautas e o caminho visual da revista. O nome já anuncia o conceito da publicação, arte e cultura, dentro de territórios possíveis, conforme assinala o editorial da primeira edição: "O não-lugar é um lugar que existe. A arte é uma cidade dentro dele. A literatura às vezes não é texto, é uma vista de lugar nenhum. E a música que toca por lá é no mínimo, ruído. Uma revista é uma patrulha que vistoria e coleta tudo o que lhe diz respeito. A respeito disso a revista Não-Lugar apresenta-se como a mais nova coletora, divulgadora e crítica de cultura e arte contemporânea."

Desde seu lançamento já foram realizadas 3 edições, contando com a colaboração de cerca de 49 artistas do Brasil e do mundo, artistas como Alexandre Vogler (RJ), Alexandre Sequeira (PA), Carmela Gross (SP), Sofia Borges (SP), Solon Ribeiro (CE), Brígida Baltar (RJ), Maria Bethânia (RJ), Luiz Braga (PA), Adélia Prado (MG), Cao Guimarães (SP), Gil Vicente (PE), Rosario Lopez (Colômbia), Sabine Dehnel (Alemanha), Guga Ferraz (RJ), Leandro Sarmatz (RS), Cristiano Lenhardt (RJ), Elida Tessler (RS), Augusto de Campos (SP), Marjetica Potrč (Eslovênia) entre outros. Artistas que interagem e se entrecruzam a partir de um tema definido, propondo novos diálogos para a arte.

IMERSIVAS SANTARÉM: o PURAQUÉ HACKLAB

Em Santarém, juntamente com o Coletivo Puraqué, o interesse é amplificar pontos culminantes dessa geopolítica amazônica a partir de rodas de discussão, e principalmente, propondo um laboratório extensivo culminando em ações que utilizam-se das tecnologias móveis e ferramentas livres para construção de cartografias. O objetivo é potencializar as iniciativas de cultura livre e digital na região, possibilitando intercâmbio e residências que favoreçam linkanias futuras para novos projetos.

Local: Casa Puraqué (Santarém - PA)

08 a 13/08 de 2011

mediação: Giseli Vasconcelos:

combo#1: Pablo de Soto, Felipe Fonseca e Tatiana Wells

rede colaborativa: Pastoral da Terra; Mapas Participativos (Ricardo Folhes); FASOL

29 a 03/09 de 2011

mediação: Giseli Vasconcelos

combo#2: Antena Mutante, Bruno Viana e Bruno Tarin

rede colaborativa: Pastoral da Terra; Mapas Participativos (Ricardo Folhes); FASOL

sobre o Coletivo Puraqué

<http://puraque.org.br/>



Puraqué é peixe, enguia, mito, projeto de vida, vivência, liberdade, autonomia, software livre na amazônia. Tudo isso e muito mais....O Coletivo Puraqué é um espaço de fomento da cultura digital e livre, iniciado em 2001 com uma iniciativa de oficinas de informática para jovens em condições de risco da periferia de Santarém (PA). Ao longo do tempo, com a entrada de novos membros, aumentou sua abrangência de atividades para a região, oferecendo diversas oficinas como: produção gráfica, estúdio de gravação, rede de blogs locais, rádio comunitária e formação em ferramentas educativas. Atualmente, o coletivo vem desenvolvendo as seguintes iniciativas:

- * Uma articulação de redes da região amazônica, e com outros povos da amazônia, colômbia, venezuela e bolívia. Temos a necessidade de se refletir sobre a situação de assassinatos na região e a proposta de um diálogo permanente pela rede com o Fórum Panamazônico;
- * Oficinas para jovens e blogs utilizando openstreetmaps - <http://nunklaki.com.br/jovensblogs/>, assim como, oficinas de iniciação à programação, eixos que sustentam a idéia de transformar o baixo-amazonas no vale tecnológico de desenvolvimento de software livre, apontando caminhos diferentes dos modelos de desenvolvimento extrativista que só destroem a floresta as águas e escravizam o povo;
- * Experiência com uma moeda social, chamada Muiraquitã (que vale um real de 15 centavos). Com esta moeda tem sido pagas oficinas, produtos e serviços de uma produtora colaborativa do coletivo. Sorteiam 4 laps por mes e agora querem financiar micro projetos de negócios inovadores de empreendedorismo colaborativo, como o cyberXibé, uma lanhouse metarecyclada. planejam mudar o foco da base economica da moeda para a garrafa pet, eventualmente focar nos resíduos sólidos orgânicos já que é possível organizar por lá grandes áreas de compostagem;



* Através da produtora colaborativa foi criado o estúdiolivre puraqué - www.puraque.org.br/estudiolivre, para que bandas do circuito alternativo utilizem o espaço para ensaios e gravações, organizando festivais baseados na moeda Muiraquitã.

RESIDÊNCIAS IPÊ (RJ) - [CartografiaCarioca](#)

ipe - interface pública (rio de janeiro - brasil)

pablo de soto - hackitectura.net :

antena mutante - antenamutante.net:

Textos de Referência

- * Geopolítica da Amazônia, Bertha Becker - http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142005000100005
- * Geografia da Fome, Josué de Castro (1946) - http://pt.wikipedia.org/wiki/Geografia_da_Fome - Josué de Castro (1946)
- * Por uma outra globalização, Milton Santos - http://www.4shared.com/document/qh5gepvP/Milton_Santos_-_Por_uma_outra_hm
- * O imaginário social sobre a Amazônia: antropologia dos conhecedores, Samuel Sá - <http://www.scientificcircle.com/pt/82171/imaginario-social-sobre-amazonia-antropologia-conhecedores/>
- * Declaração de Bogotá - El Derecho Internacional del Espacio (1976) http://dorkbot.org/dorkbot-wiki_as_html/DorkbotMdeWiki%282f%29DeclaracionBogota%282f%29EnglishVersion.html#head-4c1bff597e1e8785bdabe5744ad2cd60898a8c52
- * A natureza do Espaço, Milton Santos - <http://pt.scribd.com/doc/16391201/Santos-Milton-a-Natureza-Do-Espaco>
- * Políticas espaciais brasileiras em relação a amazônia <http://www2.camara.gov.br/a-camara/altosestudos/arquivos/politica-espacial/a-politica-espacial-brasileira>

Mais informações

Crédito Fotos: Ocupação da USP, Sub>Belém

Remixofagia - Alegorias de uma revolução

<http://vimeo.com/24172300>

[CartografiaCarioca](#)

Trabalho em processo <https://n-1.cc/pg/pages/view/248959/>

There are no comments on this page. [Add comment]

Wikka MT.info : CartografiaCarioca

[AdminUsers](#) [AdminPages](#) [Categories](#) [PageIndex](#) [RecentChanges](#) [RecentlyCommented](#) [Change settings/Logout](#) You are TatiWells+ Search: _____

Registre-se aqui para editar as páginas!

[UserSettings](#)

seu nome wikka deve iniciar por duas letras maiúsculas, por exemplo [CrimeiaAlice+](#) (guerrilheira do araguaia)

RIO DE JANEIRO

Entendida como uma tática criativa de formações do desejo no campo social, a prática cartográfica nos remete a novos territórios, teorias e práticas. A potência do espetáculo atual que governa o mundo e os sonhos criados para escapar de seu reinado, pode ser anulado se usamos um método que consista em tomar as coisas dos inimigos para montar uma outra coisa, que ajude a combatê-lo. A organização de um novo significado que confira um sentido vivo a cada elemento faz parte da prática artística que ao utilizar diferentes mídias transforma o próprio desejo humano.



Através do mapeio de zonas de conflito na cidade do Rio de Janeiro,

desenvolvendo teorias a respeito de contextos continentais comuns de luta e resistência - como a Cabanagem, Quilombos, Movimento Sem Terra, Revoltas Indígenas, feministas, movimentos sociais atuais, disputamos o domínio sobre os imaginários, corpos e territórios dos povos de Nossa América para retomar o controle tanto sobre os bens comuns de grande valor econômico e estratégico no mundo globalizado - megaprojetos Hidrelétricos, Usina Nuclear, transposição de Rios, PAC quanto as culturas ancestrais atropeladas (muitas todavia agonizando) neste processo.

Questões pertinentes e de extrema urgência para a cidade "maravilhosa" são os desalojos e ocupações militares acontecendo em função dos megaeventos esportísticos como Copa do Mundo e Olimpíadas. Já sabe-se como o corredor de limpeza foi operacionalizado entre o centro da cidade e a zona sul, tendo sido "pacificadas" todas as favelas deste trajeto para os futuros eventos. Desenhar este mapa junto aos movimentos de ocupações urbanas e favelas ocupadas, pode neste sentido ajudar na contextualização desses **conflito de territórios**, tanto sob uma perspectiva continental (Rio de Janeiro - Amazônia - América Latina) quanto política (quarta guerra mundial) e cultural.

O que temos?

- Espaço de residência no Morro da Conceição, ip - Rua Jogo da Bola
- Software de mapeio FIC - Fronteiras Imaginárias Culturais <http://fic.imotiro.org/>

O que queremos?

datas sendo confirmadas

Imersão no ipe Rio de Janeiro

imersão pablo de soto: 3 a 18 de setembro

imersão antena mutante: 4 de setembro a 25 de outubro no ipe

- Desenho de um mapa carioca

Sítio em .dev <http://riodejaneiro.crowdmap.com>

- Texto em desenvolvimento sobre a questão da moradia: [PelaMoradia](#)

- Vídeos relacionados <http://pelamoradia.wordpress.com/2011/06/20/video-serie-vozes-da-missao-relata-impactos-dos-megaeventos-em-quatro-comunidades-do-rio-tj/>

Netlab@Rio - Cartografias emergentes: territorialidades em disputa no Rio de Janeiro

trabalho expositivo / debate: 14 a 21 de setembro

finalização do mapa

- Formação de uma plataforma de trabalho comum para a realização de um labsurlab <http://labsurlab.co> no Rio de Janeiro em 2012
Queremos também aproveitar a vinda dos Antenas e demais latinos orbitais para articular uma rede de colaboração desde el sur, dando continuidade ao Labsurlab <https://n-1.cc/pg/groups/22816/labsurlab/> e <http://labsurlab.cc>, Sudamérica Experimental <http://www.sudamericaexperimental.com/> e possivelmente o [Msst] la internacional altergaláctica em volta do dia 15 de outubro.

Com quem?

Colaboração/ com **Pela Moradia**

<http://pelamoradia.wordpress.com/>

O Pela Moradia é um blog mantido por uma coalizão de indivíduos e grupos de apoio a ocupações urbanas do movimento dos sem teto do Rio de Janeiro.

Colaboração/ com **Antena Mutante**

<http://antenamutante.net>

Antena Mutante é un colectivo que ha trabajado en la relación calle e internet, pensados como espacios públicos, espacios de introducción de conflicto frente a las políticas e intervenciones que realiza el estado colombiano, sus instituciones, transnacionales y otros actores articulados a sus intereses políticos, sociales, culturales y económicos.

Colaboração com **Anillosur**

<https://anillosur.cc>

Servidor livre latino federado a rede de servidores livres Lorea / N-1

Colaboração/ **Hackitectura**

<http://hackitectura.net/blog>

Arquitectos, programadores y artistas proyectando en la convergencia de espacio físico y digital

Colaboração/ com o **Movimento dos Sem-Satélite**

<http://devolts.org/msst/>

<http://movimientosinsatelite.dyndns.tv/?videos>

<http://www.booki.cc/orbitando-satelites/>

Comunidade de artesãos de bits e volts, poetas humanistas, cientistas nômades, para onde estamos indo? Confio no pulso dos seus passos, nossa revolução é o próximo segundo e o desafio constante de não render-se ao conformismo de simplesmente entreter-se ou entreter, distraindo o fato de que vivemos além da história, dos muros, dos bancos, da semelhança dos corpos e suas consagüinidades.

Colaboração/ com **Alias Seudónimo**

Filósofo e Radialista de medellin, colabora com o Museu de Arte Moderna de medellin, Colômbia

Proponente

ipe - interface pública - rio de janeiro - brasil

sara / adriano / bruno / tati / cris / marcelo / inês

There are no comments on this page. [Add comment]